

COMO LER O ROMANCE *CHÁ DAS CINCO COM O VAMPIRO*, DE MIGUEL SANCHES NETO

Leonardo Telles Meimes (PUC/PR)
leonardomeimes@hotmail.com

O romance de Miguel Sanches Neto chegou às livrarias em 2010 causando um enorme alvoroço na crítica por ser um *roman à clef*, tratando de pessoas reais por meio de pseudônimos. Alguns dos personagens são críticos e escritores da cidade que convivem em um meio egocêntrico e vaidoso, sendo alguns duramente criticados por Beto, o protagonista, e outros até, de certa forma, dignificados.

Por esses elementos é que o romance deve ser lido com cuidado, pois a um leitor mais apressado o romance poderia facilmente entrar na categoria dos livros oportunistas, que utilizam nomes famosos para se promover. Contudo, o romance tem características que o fazem uma obra bem estruturada, bem escrita e que tem sim um valor estético, tanto quanto crítico.

A relação entre o leitor e o texto literário aqui é de importância fundamental, uma vez que o ponto de vista do leitor durante a leitura mudará sua visão global do valor da obra. Por isso, é evidente que não se pode deixar de lado uma análise da recepção do romance sob o viés da estética da recepção. Sanches Neto ao dar características de *roman à clef* para sua obra assume também o risco de que sua obra seja analisada pela sua historicidade e não por suas qualidades literárias. Sendo assim, esclarecimentos em relação à recepção do romance são necessários e a pergunta que se faz é: como a estética da recepção consegue analisar uma leitura informada do romance *Chá das cinco com o Vampiro* (CCV)?

A hipótese é que o leitor informado será atraído pelos eventos que tem uma contrapartida histórica e analisará o romance por esse viés. Assim, aqui, será analisada a obra sob o viés da estética da recepção, buscando explicar sua leitura informada e especificar suas características recepcionais.

1. *Estética da recepção*

As obras literárias conduzem a *recepção* dando orientações, evocando o *horizonte de expectativas* do leitor, o modificando, confirmando

ou até negando-o. Jauss (1967) comenta que o horizonte de expectativas é construído:

em primeiro lugar, a partir de normas conhecidas ou da poética imanente ao gênero; em segundo, da relação implícita com obras conhecidas do contexto histórico-literário; e, em terceiro lugar, da oposição entre ficção e realidade, entre a função poética e a função prática da linguagem (JAUSS, 1967, p. 28).

Ou seja, os horizontes são um parâmetro para caracterizar as diferentes recepções, tornando possível verificar que tipo de efeito a obra causou. A diferença entre as expectativas e a obra é chamada de *distância estética*, que pode aumentar ou diminuir com o tempo e até desaparecer (ZILBERMAN, 1989, p. 34). Cabe, assim, diferenciar dois processos de recepção, os efeitos da obra no leitor contemporâneo a sua publicação e a reconstrução o processo histórico de recepções durante um dado período após a publicação (JAUSS, 1979, p. 46).

A primeira forma de análise da recepção, utilizada aqui, deve caracterizar os *horizontes de expectativa* contemporâneos à primeira *recepção* da obra assim vislumbrando como o leitor contemporâneo a compreendeu. Essa forma de *recepção* é considerada por Jauss como imprescindível à compreensão da literatura pertencente ao passado remoto (JAUSS, 1967, p. 35).

Jauss (1979, p. 46) formula dois conceitos importantes: a recepção e a experiência estética começam durante a sintonia do leitor com o *efeito* estético da obra, na *compreensão fruidora* e na *fruição compreensiva*. O leitor apenas gostará de uma arte se conseguir entendê-la (*fruição compreensiva*) e só compreenderá o que aprecia (*compreensão fruidora*), processos simultâneos que resgatam, valorizam a experiência estética e produzem um *efeito* (ZILBERMAN, 1989, p. 53).

A relação entre o *efeito*, condicionado pelo texto, e a *recepção*, condicionada pelo destinatário, precisa ser necessariamente explicitada para entender-se a concretização do sentido como literário e sócio-histórico. O *efeito* estético é provocado pela *estrutura de apelo* de um texto, ou seja, o texto condiciona a reação do leitor, que não age simplesmente como receptor passivo das provocações, mas, também, contribui com sua parte na *concretização*. A *concretização*, termo recuperado de Ingarden e Vodicka, é o momento em que tanto o *efeito*, produzido pelo texto, quanto o preenchimento das lacunas e indeterminações presentes no texto, pelo leitor, se consolidam.

Jauss (*apud* ZILBERMAN, 1989, p. 65) diferencia dois tipos de *concretização*, a do *horizonte implícito* de expectativas, pré-determinadas pelo texto, e as do *horizonte extraliterário* que pré-orientam os leitores. Pressupõe-se então a presença de um *leitor implícito* à obra que responderia à obra conforme ela direciona.

Segundo Zilberman (1989, p. 49), para Jauss o conceito de leitor englobava duas categorias:

a de horizonte de expectativa, misto dos códigos vigentes e da soma de experiências sociais acumuladas; e a de emancipação, entendida como a finalidade e efeito alcançado pela arte, que libera seu destinatário das percepções usuais e confere-lhe nova visão da realidade.

Portanto a relação horizonte de expectativas-emancipação alcançada após a experiência estética é chave para compreender se os *efeitos* pretendidos por um texto foram efetivos. A *práxis* estética tem sua manifestação pela *poiesis* (criação), *aisthesis* (fruição), e *katharsis* (purificação, mas para o autor em questão ele coloca como uma atividade comunicativa), sobre o prazer característico de cada uma dessas atividades e sobre as relações que existem com outras áreas da significação da realidade cotidiana.

Porém Jauss afirma que a experiência estética é ao mesmo tempo prazer e conhecimento, podendo ser profundamente transgressora, pois ao se opor a um conjunto de regras opressoras “a arte quando é recebida, apreciada e compreendida pelo seu destinatário, convida-o a participar desse universo de liberdade” (ZILBERMAN, 1989, p. 54).

O texto em si é um elemento que foi produzido pensando em perguntas a serem respondidas e se constitui, dessa forma, a resposta. Para compreender o que a obra fala e dialogar com ela, o leitor precisa passar por algumas fases da compreensão da obra, uma *leitura compreensiva*, uma *leitura retrospectiva* e uma *leitura histórica*. A primeira é o contato com a obra e com o enredo em si, a segunda é quando o leitor se permite fazer interpretações, já a terceira considera a recepção que a obra recebeu ao longo do tempo. Depois da primeira etapa, uma pré-compreensão estética ocorre, pois o leitor já teve contato com a obra, sendo contínuo o processo em que ele irá concretizá-la para melhor compreender.

2. *Um roman à clef*

O romance, não lançado como uma autobiografia, contém inúmeras relações com a vida de Miguel Sanches Neto e alguns personagens também parecem ser inspirados em pessoas reais que conviveram com o autor. As ações e lugares sociais e literários dos personagens acabam por evidenciar que Sanches Neto conta algumas histórias que realmente ocorreram na realidade.

As semelhanças são muitas: Miguel nasceu em Peabiru; teve sua iniciação à literatura ligada a um evento de violência em que como punição foi enviado a uma biblioteca; foi crítico da obra de um grande contista (Dalton Trevisan) e da mesma forma se desentendeu com tal escritor e com outros e acabou voltando para o interior (Ponta Grossa), conforme contou em sua participação no Paio Literário⁹¹ (2007). Não há porque não acreditar que alguns fatos são autobiográficos, porque essa é uma das características da obra de Miguel. Além disso, conforme será discutido mais à frente, já havia rumores antes de sua publicação de que Miguel teria Dalton Trevisan como personagem de um de seus livros que estava no prelo.

Diante das inegáveis referências à realidade o romance pode ser analisado como um *roman à clef* e algumas características desse tipo de obra podem ser vistas claramente, começando pela relação dos personagens com pessoas reais. O caso mais exemplar no romance é o do próprio personagem principal, Roberto Nunes Filho, que além das conformidades entre as biografias que foram colocadas a cima, tem em seu nome características similares ao de Miguel Sanches Neto (estratégia comum nos *roman à clef*, como forma de facilitar a descoberta da *clef-chave*): ambos os nomes contém a mesma quantidade de letras, dezessete, e um sobrenome relacionado à parentesco (“Neto” e “Filho”).

Contudo, a pessoa que, por ser retratada em aspectos que não eram antes conhecidos, deu ao romance um caráter mais polêmico foi Dalton Trevisan, transformado no escritor de contos Geraldo Trentini. As conformidades de comportamento e de descrição da literatura são inegáveis, ambos são contistas curitibanos e considerados os maiores de seu ramo por alguns críticos. Geraldo igualmente ao Dalton é arredo, não

⁹¹ A transcrição em texto da entrevista está disponível *on-line* no site: <http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&lista=&secao=45&subsecao=0&ordem=1421&submenu=0&semllimite=todos>. Acesso em: 24 de mar. de 2011.

gosta de repórteres, não gosta de curiosos e anda se disfarçando de boné para não ser reconhecido. O nome de ambos também contém semelhanças, os sobrenomes começam com a letra “T” e são de origem italiana.

Outros casos de pessoas reais que aparecem no romance são Valêncio Xavier, Wilson Martins, Wilson Bueno, Jamil Snege e Fábio Campana que aparecem disfarçados com outros nomes (respectivamente Valério Chaves, Valter Marcondes, Uílcon Branco, Akel e Orlando Capote). Todos esses têm características em seus nomes bem parecidas assim como suas produções e trabalhos: Valério Chaves faz livros com colagens como Valêncio Xavier; Orlando Capote produz sobre política como Fábio Campana e Akel é muito próximo de Beto e de Uílcon assim como Snege era de Sanches Neto e de Wilson Bueno. Portanto, as chaves são muitas e o leitor que tiver informado sobre esses autores previamente à leitura poderá facilmente perceber a relação entre a realidade e a ficção.

No geral, o romance retrata todo o meio literário curitibano como pendente de certas qualidades, sendo que a maioria dos autores são retratados como vaidosos, mesquinhos e orgulhosos, uma dura crítica. No entanto, cabe lembrar, que o romance se pretende ficcional e a fronteira entre realidade e ficção é desconhecida à parte das *clefs* (chaves ou dicas) que são facilmente identificáveis.

3. *Uma temporalidade fragmentada e alinear*

A estrutura do romance pode causar estranhamento em determinados leitores, pois os capítulos se intercalam contando em duas partes a história de Beto: de 1982 até cerca de 1997 (de Peabiru até seu relacionamento com Helena) e desse ponto até 2002 (do convívio intenso com escritores e críticos de Curitiba até voltar a morar em sua cidade natal). Intercala-se até chegarmos ao fim, em que os tempos se encontram (2001).

Esse trabalho de organizar mentalmente o romance, pede a participação do leitor na produção do sentido, o que vai ao encontro do que Jauss define como a *poiesis* presente na recepção. O leitor tem esse prazer ao ver que a obra não lhe entrega a história já pronta para a leitura, ao contrário, ele precisará agir (*práxis*) sobre a obra para que o significado seja concretizado adequadamente.

O contraste, Peabiru-Curitiba também permite entender o porquê de algumas atitudes de Beto, como, por exemplo, seu rancor por seu pai e sua relação próxima com sua tia, ao mesmo tempo em que nos dá anteci-

padamente o resultado de sua investida literária. O fato de as temporalidades estarem intercaladas evita que o leitor interessado pela infância de Beto se desinteresse pela história de Beto em Curitiba, como poderia ocorrer se o romance fosse contado cronologicamente. O contrário também é possível, o leitor interessado nos fatos sobre a vida dos escritores em Curitiba (que descobriu a *cléf*) não se aborrecerá nem passará rapidamente pela infância de Beto. Para ambas as possibilidades a obra parece ser estrategicamente estruturada para uma leitura participativa.

Essa é uma estratégia inteligente de composição da obra sabendo que os *roman à cléf* frequentemente são lidos após o leitor saber do que ele trata e de quais pessoas. Outra característica que é presente na obra e que é comum a obras pós-modernas é a presença de outros gêneros, ou intergenericidade, na obra que contém contos (Casa Iluminada, Violetas e Nova Temporada) e uma carta.

Essa estrutura tem um efeito considerável sobre o *horizonte de expectativas* do leitor, por acabar criando uma distância estética maior do que o leitor esperava. O *leitor explícito* (de fora) é surpreendido conforme a obra desmantela alguns aspectos como a linearidade, esse é um fato que provavelmente moverá o leitor a agir sobre a obra novamente, buscando significado nessas inserções e nessas estruturas inabituais.

Pode-se considerar que uma parte dos leitores do romance são acadêmicos ou entusiastas das letras devido à proximidade da temática e à proximidade de Miguel Sanches Neto com a academia, o que lhe garantiu um acesso rápido às discussões literárias acadêmicas. Pressupõe-se, assim, que os leitores conseguem lidar mais facilmente com essas “dificuldades” estruturais. Já um leitor que não tem um arcabouço de leituras maior, não receberá a obra tão facilmente, pois a *distância estética* entre o que o *leitor implícito* ao texto pede e seu *horizonte de expectativas* se torna grande, se tornando mais complicada a tomada de ação em relação ao texto.

4. Momento histórico da recepção do romance

O romance já havia sido divulgado antes mesmo de ser publicado devido à reação de Dalton Trevisan ao saber que Miguel estava produzindo um livro que iria revelar detalhes sobre sua vida. Os boatos começaram a se espalhar no meio literário de Curitiba e, antes mesmo de o li-

vro ter um título, já havia especulações sobre seu conteúdo, sendo que algumas davam conta de que seria uma biografia de Trevisan.

Trevisan, conhecido pelo seu jeito arredo e reservado, sentiu-se ultrajado e cortou relações com Miguel que foi por muitos anos seu “discípulo” em crítica literária e na escrita. Em 2004, com o intuito de desfazer qualquer desentendimento, Miguel publicou uma carta aberta (SANCHES NETO, 2004) a Dalton Trevisan no jornal literário rascunho, negando que o livro que estava produzindo era uma biografia do autor e reiterando que tem o contista como amigo e mestre. Dalton não recebeu a carta com bons olhos e respondeu a Sanches Neto literariamente com o poema Hiena Papuda (TREVISAN, 2008), distribuído pela capital em 2005 em um panfleto e publicado pela L&PM (2008).

No poema/conto Dalton desfere intrincadas injúrias a um suposto traidor e Judas, o qual chama de “Hiena papuda necrófila”, e muitos o relacionaram à suposta traição de Sanches Neto, como uma forma de Dalton responder ao ex-pupilo. Lê-se no poema, “mente no bico fechado mente na carta aberta”, o que corrobora a interpretação de que a hiena papuda seria de fato Miguel Sanches Neto. Essa “briga” acabou trazendo à tona diversas notícias desencontradas sobre o romance e fez com que sua publicação fosse aguardada com ansiedade no meio literário curitibano. Assim, a descoberta da *Clef* do romance foi facilitada e também se divulgou nos meios acadêmicos o romance, fazendo com que um público alvo capaz de compreender a relação do romance com a realidade buscasse a leitura.

Esses conhecimentos prévios são parte integrante do *horizonte de expectativas* do leitor informado, assim influenciando a forma como o leitor lê o romance e as informações que o leitor busca nele. Sendo, essa leitura, corroborada pelas evidências de que o livro contém fatos biográficos, o *horizonte de expectativas* desse leitor informado acaba por ser confirmado.

Essa confirmação, seguindo a lógica do confronto que a obra deve ter em relação ao o *horizonte de expectativas* do leitor para ser esteticamente efetiva, deveria tornar a experiência estética menos interessante por não haver conflito entre expectativa e o que é lido. Porém, a obra não é apenas o relato das vivências de Beto com os escritores, e, ao contrário, se torna o relato da formação de um leitor/escritor e de suas lutas no meio literário, o que é algo de interesse vivo para um leitor informado. A identificação desse leitor com a obra pode ser aumentada nesse sentido, algo que não acontece com o leitor que não estava informado sobre as

polêmicas que envolvem o livro, ou que não tem conhecimentos sobre literatura e o meio literário.

Portanto, o contexto de polêmica criado para a recepção inicial do romance teve papel fundamental em sua divulgação assim como influenciou sua leitura, particularmente no caso do leitor curitibano e informado.

5. *Recepção pela crítica*

Maurício Melo Júnior começa a crítica apontando que o romance superou as polêmicas e o medo de que o romance fosse de fato oportunista e pouco literário (MELO JÚNIOR, 2010). Melo considera o romance uma reflexão delicada sobre a vaidade, representada diretamente pelo personagem Geraldo Trentini, que se tornou o exemplo de como a busca pelo sucesso pode prejudicar personalidade. Mas Melo Júnior mostra que, antes de ser uma análise desrespeitosa do meio literário, o livro acaba encontrando a forma humana dos escritores, que tem problemas familiares, problemas de relacionamento amoroso, problemas entre os amigos e que sofrem também por males simples como a vaidade.

Sendo um romance sobre a formação de um escritor esse ponto de vista é interessante por humanizar, não apenas Beto, mas também a imagem de Dalton em Trentini e mostrar que por trás da imagem de “vampiro” e gênio há um humano com problemas e defeitos também. Em alguns aspectos Melo considera o romance uma homenagem de Miguel a Dalton, que o coloca como ser complexo e rico, posto que pode ser fonte de inspiração para sua literatura.

Outra crítica ao romance foi publicada pela *Revista UP* (2010) escrita por Daniel Couto. Nela, Couto foca primeiramente na qualidade da obra de Miguel para depois adentrar nas questões relativas ao novo romance e passa rapidamente pela polêmica causada por suas características de *roman à clef*. Comenta que quando olhado sobre o viés da fronteira entre ficção e realidade o romance recebeu um tratamento crítico mais polêmico, no entanto, quando as características literárias da obra eram criticadas as opiniões eram em sua maioria favoráveis ao romance.

Gilberto Pereira (2010), na *Tribuna do Planalto*, faz uma crítica extensa e literária sobre o romance de Miguel, aspectos puramente literários são abordados: a questão da vaidade, do convívio complicado entre os escritores, da sexualidade de Beto, a presença de nomes bíblicos e da relação da obra com as obras anteriores de Sanches Neto. Sua crítica as-

sumiu o ponto vista literário apesar de comentar as polêmicas em que o romance está envolvido.

Algumas críticas veem o livro apenas pelo lado mais polêmico em que está inserido: a crítica de Euler de França Belém na revista *Bula* (2010) preferiu abordar principalmente as ligações entre Geraldo Trentini e Dalton Trevisan, colocando o livro como uma tentativa de desmistificar Dalton, após Miguel ser duramente ofendido pelo contista. Aqui se tem uma amostra de como a polêmica criada acaba influenciando a recepção, o romance é analisado como uma referência direta a Dalton Trevisan, nada é falado sobre as partes do livro que compõem a formação do personagem escritor. Uma crítica menos literária e mais uma consideração sobre a relação entre Dalton e Miguel.

Marcelo Marthe, na revista *Veja* (2010), também vê o livro com “olhos de fofoca”, sua crítica cita alguns aspectos do *roman à clef*, porém os deixa de lado para tomar um enfoque mais conflituoso entre Miguel e Dalton. Novamente a figura de Dalton está em primeiro plano na crítica, sendo que o livro parece ser sobre a relação entre os dois escritores e nada é comentado sobre a construção da obra.

Nêumanne (2010) no *O Estado de São Paulo*, comenta que “veneno nunca fez mal à boa literatura”, e, assim, diz que nada impede que Sanches Neto exponha as mazelas de Dalton Trevisan, pois “mais do que o ranço do ressentimento instilado ao longo de uma narrativa conduzida de forma competente por um artesão consciente se seus dotes e caprichos”, o que se vê é na realidade o discípulo roubando um pouco da glória exclusiva ao mestre.

Convém reiterar, que alguns críticos acabaram adotando um tom mais protetor à figura de Dalton Trevisan e dos outros autores e críticos presentes, um exemplo foi o de Schneider Carpeggiani (2010) jornalista que não compreendeu a estrutura de *roman à clef*, fez uma leitura literal e considerou a obra um desrespeito à figura de Dalton Trevisan.

6. Características da recepção informada

Percebe-se que a recepção de um leitor informado sobre as *clefs* da obra será muito diferente da leitura desinformada do romance, pois terá como base para a leitura um *horizonte de expectativas* que influenciará significativamente a criação de sentido.

Particularmente a questão polêmica entre Dalton Trevisan e Miguel Sanches Neto parece influenciar a leitura, sendo que uma boa parte dos críticos se focou principalmente nesse aspecto da obra como o elemento principal para o entendimento. Todos descobriram a *clef* para os personagens e esse *efeito* fez, então, a leitura desse aspecto da obra se tornar mais interessante.

Esse aspecto pode ter alguma relação com a estrutura da obra, que dificulta a leitura com o objetivo de contrastar os dois momentos da vida de Beto e deixar ambos em destaque. Porém, essa mesma estrutura acaba abrindo muitos *pontos de indeterminação* que o leitor necessita preencher para que a história tenha sentido. Dessa forma, a estrutura tem um *efeito* ativo e a leitura acaba se tornando complicada, exigindo que o leitor trabalhe sobre a obra (*práxis*) para se *concretize*.

Para o leitor, encontrar as questões às quais o romance visa responder com uma representação impiedosa do meio literário parece ser mais fácil devido à polêmica criada (que figura como conhecimento prévio, um *horizonte de expectativas* que é rapidamente confirmado no livro). Essa se torna uma leitura fácil do romance, o leitor tem curiosidade e aceita o sentido que lhe causa um *efeito* mais imediato por se encaixar mais facilmente em seu horizonte *externo de expectativas*.

Ao final, o leitor informado tem, também, o conhecimento da história real em que Sanches Neto ao sair de Curitiba para o interior escreveu o romance, com Dalton Trevisan como personagem-disfarçado, apesar de ter negado que o faria. Assim, cria-se a suspeita de que Beto vá realmente escrever a suposta obra sobre Trentini, conforme os eventos da realidade ocorreram. Sendo um *roman à clef* é possível que o leitor faça essa conexão com a realidade e esse *ponto de indeterminação* deixado seja preenchido tendo como base a realidade. Há nesse raciocínio um *efeito* de “fusão” com a realidade na narrativa que pode terminar nela mesma, pois o resultado final da empreitada de Beto (Sanches) seria um *roman à clef* sobre sua vivência com Trentini (Dalton): o romance que o leitor tem em mãos (*Chá das cinco com o Vampiro*).

A leitura, então, se dá diferentemente dos outros romances comuns e pode, em alguns casos de interpretação, ser considerada como relato fiel da realidade. A forma como Beto descreve os escritores curitibanos é um exemplo, se os escritores se identificarem com os personagens e considerarem as críticas como opiniões de Miguel Sanches Neto o romance causaria ainda mais polêmica. Assim, a fronteira entre o que é fic-

ção e o que não é deve ser medida com cuidado, deixando sempre em dúvida o que se lê para não cair em análises preconceituosas em relação ao autor e ao romance.

7. Considerações finais

O romance *Chá das cinco com o Vampiro* se torna uma experiência interessante para qualquer leitor e merece ser lido de ambas as perspectivas. Comprova-se a importância da contribuição do leitor para a criação do sentido da obra, particularmente quando se trata de um *roman à clef*, e foi possível analisar os *efeitos* do contraste entre a experiência que o leitor traz para obra e sua própria estrutura interna. O *horizonte de expectativas externo* do leitor aparece como principal fator no que tange a compreensão dos elementos *à clef* do romance.

Os *efeitos* nos leitores são consideráveis, indo da curiosidade à irritação. Outros *efeitos* puderam ser evidenciados também, como a possível fusão entre realidade e ficção e a necessidade do trabalho do leitor sobre a estrutura do romance, que aproxima leitor e autor fazendo-o ter um gostinho da *poiesis*, para depois compreender a obra e seu significado.

Na recepção pela crítica, o que se percebe é que há tanto leituras literárias como leituras “interessadas” da obra, alguns críticos preferem abordar o romance como ficção e como obra de arte literária e outros encontram na polêmica gerada no romance a principal característica do livro. Tanto uma como outra não podem ser deixadas de lado, considerando-se a característica do *roman à clef*, porém existem também aqueles casos em que o livro é depreciado por sua ousadia de julgar autores sem medo, o que mostra como a recepção do livro se torna diferenciada pelos leitores afetos ao cenário literário curitibano.

Tanto pela qualidade literária, quanto por sua ousadia em estreitar as fronteiras entre ficção e realidade, a obra é significativa e merece ser analisada futuramente para que sua recepção ao longo do tempo seja avaliada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTO, D. Dois escritores chamados Miguel Sanches Neto. *Revista UP*, nº 25, 04-10-2010.

BELÉM, E. de F. Chá das cinco com o Vampiro. *Revista Bula*, 28 de mar. de 2010. Disponível em:

<<http://www.revistabula.com/posts/livros/cha-das-cinco-com-o-vampiro/#form-c>>. Acesso em: 28-03-2010.

JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução por Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, H. R. et al. *A literatura e o leitor: Textos de estética da recepção*. Tradução por Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARTHE, M. Melhores inimigos. *Veja*, seção de Livros, ed. 2156, 17 de mar. de 2010. Disponível em:

<<http://veja.abril.com.br/170310/melhores-inimigos-p-126.shtml>>. Acesso em: 28-03-2010.

MELO JÚNIOR, M. Vaidade revelada. *Rascunho*, seção Críticas e Resenhas, jul. de 2010. Disponível em:

<<http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&secao=25&lista=0&subsecao=0&ordem=3458&sem limite=todos>>. Acesso em: 28-03-2011.

NÊUMANNE, J. Sobre discípulos, mestres e umbigos. *O Estado de São Paulo*, Sabático, 10-04-2010.

SANCHES NETO, M. Carta aberta a Dalton Trevisan. *Rascunho*, seção de Críticas e Resenhas, jun. 2004. Disponível em:

<<http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&secao=25&lista=0&subsecao=0&ordem=2481&sem limite=todos>>. Acesso em: 25-03-2011.

CARPEGGIANI, S. Vivência com vampiro acaba em sangue. *Jornal do Commercio*, 28-04-2010. Disponível em:

<<http://blogodomarcus.blogspot.com/2010/06/vivencia-com-vampiro-acaba-em-sangue.html>>. Acesso em: 28-04-2011.

TREVISAN, D. *Duzentos ladrões*. São Paulo: L&PM Pocket, 2008.

ZILBERMAN, R. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.